

ANÁLISE DOS REGISTROS GRÁFICOS E LEVANTAMENTO DOS PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO DO SÍTIO DE ARTE RUPESTRE PEDRA DO ATLAS, PIRIPIRI, PIAUÍ

Pablo Roggers Amaral Rodrigues (aluno de ICV/UFPI), Luis Carlos Duarte Cavalcante (Orientador, Depto. de Ciências Naturais e Arqueologia – UFPI)

INTRODUÇÃO

O povoado Buriti dos Cavalos situa-se na área rural de Piripiri, Piauí, possuindo um patrimônio arqueológico rico e diversificado, que permanece praticamente desconhecido da comunidade científica. A região em questão, similarmente ao Parque Nacional (PARNA) de Sete Cidades, caracteriza-se pela presença de rochas areníticas, formadas no Devoniano, próprias da Formação Cabeças, Membro-Oeiras. Pelas formas exóticas que possuem, as feições dos arenitos ruiformes, revelam-se como “carapaças de tartarugas” e “dorsos de lagartos”, exibindo também os aparentes telhados, resultantes das poligonações imbricadas, que acentuam a sugestão de uma cidade abandonada (Fortes, 1996). O Buriti dos Cavalos posiciona-se a sudoeste do PARNA supracitado (IBDF, 1979), fora de seus limites territoriais, apresentando-se para a população como remanescentes de mais uma cidade petrificada, remetendo para a herança dos mitos e lendas que, por muito tempo, constituiu a base das informações sobre os sítios arqueológicos brasileiros, conforme Martin (2008).

Pesquisas sistemáticas no Nordeste do Brasil têm estabelecido áreas arqueológicas, as quais concentram vestígios do patrimônio cultural da humanidade (Martin, 2008; Etchevarne, 2007; Beltrão *et al.*, 1994), portando bens de significação cultural. A conservação desses vestígios representa a possibilidade de transmissão às gerações futuras e, portanto, é objetivo de preservação de muitas sociedades no presente, de sorte que vêm recebendo reconhecimento crescente em relação à sua importância, enquanto patrimônio a ser preservado (Lage, 2007; Figueiredo e Puccioni, 2006; Lage *et al.*, 2004/2005).

Tendo em vista a grande carência de dados arqueológicos sobre a arte rupestre presente no Centro-Norte do Piauí, o objetivo deste trabalho foi analisar os registros gráficos e realizar o levantamento dos principais problemas de conservação presentes no sítio Pedra do Atlas, Piripiri, Piauí, que é aqui apresentado como um testemunho representativo da arte rupestre de Buriti dos Cavalos.

METODOLOGIA

Viagens de campo foram realizadas para o levantamento detalhado dos vestígios rupestres presentes no abrigo e investigação das características do entorno; efetuou-se o registro fotográfico exaustivo com e sem escala IFRAO dos painéis e grafismos; realizou-se a contagem dos registros gráficos, analisando-se suas características técnicas e temáticas, bem como se fez a verificação *in loco* das condições atuais de conservação, procurando-se elaborar um diagnóstico dos principais problemas existentes.

A flora foi descrita com base na nomenclatura popular, fornecida por moradores da região, e a descrição da fauna ficou circunscrita aos animais que influenciam diretamente nos problemas de conservação dos registros pintados e gravados. A obtenção das coordenadas geográficas (latitude e longitude), da orientação das manchas gráficas, da orientação geográfica da abertura do sítio e da

altitude, em relação ao nível do mar, foi realizada via utilização de GPS (Datum WGS 84), com o auxílio do guia. Os fundamentos buscados para embasar a pesquisa incluíram o que estabelecem como preceitos alguns documentos sobre as questões de preservação e conservação de sítios arqueológicos, mas também subsídios metodológicos desenvolvidos em áreas arqueológicas próximas, como o PARNA de Sete Cidades e o sudeste do Piauí, onde os estudos já se encontram relativamente avançados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pedra do Atlas encontra-se circundada de uma densa vegetação, típica de cerrado e caatinga arbórea, e localiza-se nas coordenadas geográficas 04°26'02,0" S e 41°37'49,2" W, a 317 m em relação ao nível do mar. Constitui-se de um abrigo sob rocha ruiforme e impressiona pela beleza cênica e profusão de cores na elaboração das 423 pinturas rupestres, compondo principalmente motivos zoomórficos e geométricos, havendo alguns poucos registros antropomórficos, e possíveis ornitomorfos muito esquematizados, pintados em padrões policrômicos que variam do vermelho-claro ao vermelho-escuro, apresentando-se também em tonalidades de vinho, amarelo, laranja, e nas cores cinza e amarelo-amarronzado-esverdeada (Munsell 2.5Y 5/6), além de grande número de manchas gráficas com vestígios de pigmentos., além de inumeráveis sobreposições. A mancha gráfica mede 13,80 m e o registro mais baixo está a aproximadamente 1,62 m e o mais alto a cerca de 8 m, ambos em relação ao solo atual. O sítio apresenta abertura para o Sul, sendo que quatro dos cinco painéis pictóricos estão no plano Oeste-Leste, exceto o Painel 1, que está voltado para o Sudoeste, elaborado em maior altura. A medição da largura do traço para algumas pinturas rupestres sugere que vários objetos foram utilizados na sua elaboração, pois apresentam larguras desde 1,50; 1,20; 1,10; 0,90 e 0,60 cm até um grafismo com traço mais fino, de 2 mm de diâmetro, indicando um provável emprego dos dedos das mãos e fibras vegetais ou espinhos, na elaboração dos grafismos.

Com relação às plantas encravadas no suporte rochoso (gameleira, fonte, macambira, figueirinha, jacarandá), a sua proliferação é facilitada pelas fissuras encontradas na rocha arenítica onde elas se fixam, acelerando a degradação da matriz, através de deslocamentos, abertura de novas fissuras e/ou alargamento daquelas já existentes, bem como criando um microclima que facilita a presença de microorganismos, além da ação química dos ácidos húmicos. Observa-se a presença de grandes manchas em diferentes colorações na superfície da rocha, provocadas por escorrimento de água do alto do paredão, resultantes da presença de líquens e de filmes de micro plantas.

As galerias de cupins apresentam-se como um dos problemas mais expressivos, com grande parte delas em plena atividade, chegando a recobrir as pinturas rupestres, podendo deixar marcas permanentes e acelerando assim o processo de degradação dos registros pintados. Há também ninhos de vespas, em alguns casos em processo acelerado de petrificação. As casas de marimbondos encontradas estão algumas abandonadas, enquanto outras se encontram em plena atividade, boa parte recobrendo registros rupestres. As teias de aranhas e o aparecimento de formigas e abelhas no abrigo também contribuem para o processo de degradação.

O mocó (*Kerodon rupestris*), roedor presente em áreas rupestres, também contribui para a degradação do sítio, depositando seus dejetos nas cavidades do suporte rochoso. Outros animais

que marcam sua presença no local com a emissão de dejetos em quantidade significativa são os morcegos. Um dos principais problemas verificados na Pedra do Atlas é a forte presença de eflorescências salinas.

Há pichações (*grafitti*), em áreas sem pinturas, e lixo, como fragmentos de tecido jeans e camisetas, restos de calçados e embalagem de biscoitos, que causam problemas estéticos e higiênicos, além de árvores caídas e madeiras velhas apodrecidas, que podem colonizar cupins, insetos e animais.

CONCLUSÃO

O levantamento e análise dos registros gráficos e dos principais problemas de conservação do abrigo Pedra do Atlas demonstrou que o acervo gráfico presente neste sítio possui características que não permitem enquadrá-lo nas tradições rupestres estabelecidas até o presente momento para o Nordeste brasileiro. Uma das principais características observadas foi a grande recorrência de um ornitormo, em todos os painéis rupestres, pintado pelo menos 106 vezes em diferentes cores e em diferentes momentos de evolução gráfica. Além deste, também há recorrência de carimbos de mãos, antropomorfos e geométricos. Outro diferencial é a policromia, com grande variação de tonalidades nas cores presentes, grafismos rupestres elaborados com duas ou mais cores, além de uma ampla variedade de sobreposições. Um dos atrativos deste abrigo é também a presença de gravuras rupestres, majoritariamente em formatos circulares, inclusive portando resquícios de pigmentos.

Os problemas de conservação levantados, agregados aos diversos depósitos de alteração presentes, indicam que o sítio estudado necessita de uma intervenção de conservação urgente, de forma a ser preparado adequadamente para visitação pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, M.; LOCKS, M.; CORDEIRO, D. "Project Central (Bahia, Brazil): Rock Art in the Chapada Diamantina Uplands". *Revista de Arqueologia* 8(1), 337-351, 1994.

ETCHEVARNE, C. *Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia/Written on stone: color, form and movement in the rock graphics of Bahia*. Rio de Janeiro, Odebrecht, 2007.

FIGUEIREDO, D.; PUCCIONI, S. (Org.). *Consolidação estrutural da Toca da Entrada do Pajaú: diagnóstico e proposta de intervenção*. Teresina: IPHAN, 2006.

FORTES, F. P. *Geologia de Sete Cidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL - IBDF. *Plano de Manejo do PARNA de Sete Cidades*, Brasília, 1979.

LAGE, M. C. S. M. "A conservação de sítios de arte rupestre". *Rev. Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 33, 95-107, 2007.

LAGE, M. C. S. M.; BORGES, J. F.; ROCHA JÚNIOR, S. "Sítios de registros rupestres: monitoramento e conservação". *Mneme – Rev. Humanidades* 6(13), 1-24, 2004/2005.

MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 5. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

Palavras-Chave: Registros rupestres. Conservação de sítios arqueológicos. Pedra do Atlas.